COMPETÊNCIAS EM LÍNGUA PORTUGUESA À SAÍDA DA LICENCIATURA:
o caso da licenciatura em Educação Básica da ESELx (2010-11)

Adriana Cardoso, Maria João Hortas, Encarnação Silva, Tiago Tempera
(Escola Superior de Educação de Lisboa)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo geral analisar o desempenho dos alunos da licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação de Lisboa na prova de língua portuguesa de acesso ao 2º Ciclo de estudos, no ano letivo de 2010-11. Em concreto, procurar-se-á: (i) caracterizar os candidatos; (ii) identificar as áreas de maior (in)sucesso no âmbito das competências em avaliação (leitura, escrita e conhecimento linguístico).

Palavras-chave: Prova de Língua Portuguesa, ensino superior, leitura, escrita, conhecimento linguístico.

Abstract

The main goal of this paper is to analyze how graduates in Basic Education from the Higher Education College of Lisbon performed the exam of Portuguese that provides access to the 2nd Cycle of higher education in the 2010-11 school year. The specific goals are: (i) to characterize the candidates; (ii) to identify the strengths and weaknesses of the skills under examination (reading, writing and linguistic knowledge).

Palavras-chave: Portuguese exam**,** higher education, reading, writing, linguistic knowledge.

1. Introdução

Nos termos do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º43/2007, de 22 de fevereiro de 2007, "É condição geral de ingresso nos ciclos de estudos conducentes ao grau de mestre em cada uma das especialidades a que se refere o anexo, o domínio, oral e escrito da língua portuguesa." Este enquadramento legal determina ainda que "Compete ao órgão legal e estatutariamente competente de cada estabelecimento de ensino superior proceder à avaliação da condição a que se refere o número anterior, adotando para tal a metodologia que considere mais adequada."

De acordo com o estabelecido na ata n.º2/2010 do Conselho Técnico-Científico da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx), de 24 de março de 2010, no ano letivo de 2009/2010 realizou-se uma prova de língua portuguesa de acesso ao 2º ciclo de estudos. Tal como previsto na ata acima mencionada, esta prova teve um caráter eliminatório para todos os mestrados, funcionando adicionalmente como critério de seleção para os mestrados em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico.

De acordo com o estabelecido na ata n.º6/2011 do Conselho Técnico-Científico, de 27 de abril de 2011, a prova teve novamente lugar no ano letivo de 2010/11. Neste ano, foram realizadas duas chamadas em datas distintas. Os estudantes podiam inscrever-se numa das duas chamadas ou em ambas, prevalecendo, no último caso, a classificação obtida na segunda chamada.

Neste artigo, centrar-nos-emos apenas na apresentação da prova da 1ª chamada, realizada a 18 de julho de 2011. Apesar de 139 candidatos terem realizado esta prova, na análise e discussão dos resultados são consideradas apenas 114 provas, que correspondem aos candidatos que frequentaram a licenciatura de Educação Básica da ESELx.

2. Os candidatos à prova de língua portuguesa

2.1. O grupo

Os candidatos à prova de língua portuguesa no letivo de 2010-11 sobre os quais vai incidir este estudo fazem parte do grupo de 191 alunos que estavam inscritos no 3º ano do curso de licenciatura em Educação Básica. A sua caracterização será efetuada a partir da análise de questionários que foram aplicados em todas as turmas no final do ano letivo acima indicado. O número de respondentes foi de 159 estudantes, dos quais 95,5% são do sexo feminino. As suas idades oscilam entre os 20 e 43 anos, situando-se a média nos 22 anos.

Aproximadamente 80% dos estudantes são naturais de concelhos da Área Metropolitana de Lisboa e a quase totalidade (99%) reside em concelhos deste território. Contudo, a análise da naturalidade das famílias revela que 40% destas não residem atualmente no distrito onde nasceram. Desagregando a informação de que dispomos, segundo os distritos de origem dos familiares, constatamos que estes estudantes são, na sua maioria, descendentes de famílias oriundas de diversas regiões do país que

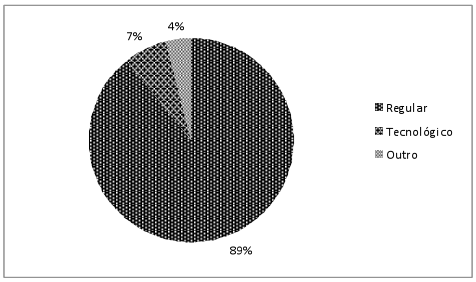
migraram para os distritos de Lisboa e Setúbal, provavelmente nos anos 70 e 80 do século passado.

2.2. Os percursos escolares e a opção pelo curso

Em relação ao percurso escolar anterior destes estudantes, constatamos que a maioria frequentou o ensino secundário regular e só uma minoria realizou o seu percurso no ensino tecnológico ou frequentou outro tipo de curso (Figura 1). Entre a diversidade de áreas de formação frequentadas, a área das Ciências Humanas e Sociais é a principal área de origem destes estudantes (53%). Em segundo lugar, surge a área de Ciências e Tecnologia e, na terceira posição, a área de Ciências Sociais e Economia (Figura 2).

Figura 1

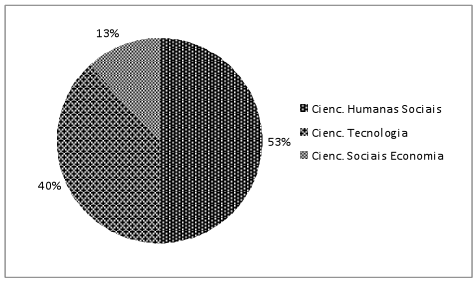
Curso frequentado no ensino secundário



Fonte: questionários aos alunos, 3º ano, 2010-11

Figura 2

Curso frequentado no ensino secundário regular

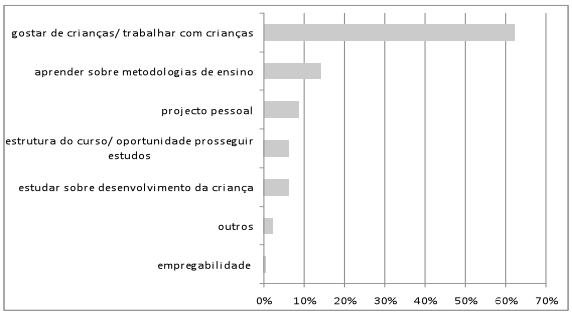


Fonte: questionários aos alunos, 3º ano, 2010-11

Para 83,5% destes estudantes, a escolha da licenciatura em Educação Básica foi a primeira opção na sua candidatura ao ensino superior. Entre os motivos que enunciam para justificar a escolha do curso, 60% dos estudantes referem "o gosto em trabalhar com crianças" ou o "gostar de crianças". As restantes referências surgem a uma distância significativa da anterior e relacionam-se com: (i) a formação para ser professor ou educador de crianças (como por exemplo, as aprendizagens sobre metodologias de ensino e os estudos sobre o desenvolvimento da criança); (ii) a concretização de um projeto pessoal, que em alguns casos já se iniciou anteriormente com o trabalho desenvolvido com crianças em centros de atividades de tempos livres ou em colónias de férias; (iii) aspetos relacionados com a estrutura do curso e a oportunidade de prosseguir estudos num 2º ciclo de formação (Figura 3). Todos estes fatores justificam a candidatura à realização da prova de língua portuguesa para aceder a um mestrado profissionalizante.

Figura 3

Motivos para a escolha do curso



Fonte: questionários aos alunos, 3º ano, 2010-11

3. A prova de língua portuguesa de acesso aos mestrados profissionalizantes

3.1. Apresentação da prova

A prova de língua portuguesa encontra-se organizada em três grupos, que incidem sobre diferentes competências. As competências em avaliação e respetiva cotação são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

Competências em avaliação na prova de língua portuguesa

Grupos	Competências	Cotação (0-200)
Grupo I	Leitura	60 pontos
Grupo II	Escrita	100 pontos
Grupo III	Conhecimento linguístico	40 pontos

No Grupo I, é apresentado um texto para leitura, seguido de três exercícios de resposta fechada que visam avaliar a competência de leitura do candidato. As subcompetências avaliadas em cada um dos exercícios e respetiva cotação são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2

Subcompetências em avaliação na leitura

Exercício	Subcompetências	Cotação (0-60)
1. V ou F	Compreende as ideias centrais do texto	20 pontos
2. Estabelecimento de correspondências	Localiza informação específica e realiza inferências	20 pontos

3. Preenchimento de lacunas	Estabelece relações lógicas entre diferentes partes do texto	20 pontos

No Grupo II, solicita-se a produção de um texto escrito. O texto a produzir envolve predominantemente uma sequência textual argumentativa e é orientado quanto ao tema e à extensão. Os temas propostos (em alternativa) são: (i) a circulação de livros eletrónicos; (ii) a existência de um exame de entrada na carreira docente. Como elementos desencadeadores de reflexão, são apresentadas duas citações nas quais os autores tomam uma posição face ao tema. O texto a produzir deve ter cerca de 350 palavras.

O texto escrito é avaliado tendo em conta o domínio de estratégias de estruturação temática e discursiva e a correção linguística. Na Tabela 3, apresentam-se as subcompetências avaliadas e a cotação atribuída a cada um destes itens.

Tabela 3

Subcompetências em avaliação na escrita

	Subcompetências	**Cotação (0-100)**
Estruturação temática e discursiva	Constrói uma linha de argumentação lógica, com apresentação de argumentos e contra-argumentos pertinentes e fundamentados. Estrutura o texto, com recurso a estratégias discursivas adequadas à defesa de um ponto de vista. Elabora um texto coerente e coeso. Usa de forma adequada o reportório lexical.	60 pontos
Correção linguística	Produz um discurso correto nos planos lexical, morfológico, sintático, ortográfico e de pontuação.	40 pontos

Para a avaliação da estruturação temática e discursiva estão previstos níveis de desempenho em função de descritores: 5 níveis de desempenho e 4 níveis intermédios[1]. A título ilustrativo, apresentam-se os descritores para o nível máximo, ao qual são atribuídos 60 pontos:

[1] Os critérios de avaliação do Grupo II são adaptados dos critérios de avaliação propostos pelo GAVE para os exames nacionais de Português do Ensino Básico e Secundário, disponíveis em: http://www.gave.min-edu.pt/np3/388.html.

Tabela 4

Avaliação da estruturação temática e discursiva: descritores para o nível máximo

- Trata, sem desvios, o tema proposto.
- Mobiliza sempre, com eficácia argumentativa, informação rigorosa e diversificada:
    - produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade;
    - define de forma inequívoca o seu ponto de vista;
    - fundamenta o ponto de vista apresentado em, pelo menos, dois argumentos distintos e pertinentes, cada um deles ilustrado com, pelo menos, um exemplo significativo.
- Redige um texto estruturado, refletindo uma planificação e evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual:
    - apresenta um texto constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), individualizadas, devidamente proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente;
    - marca corretamente os parágrafos;
    - utiliza, com adequação, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.
- Faz uso correto do registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e marcados (com aspas e sublinhados).
- Mobiliza expressivamente, com adequação e intencionalidade, recursos de língua (repertório lexical variado e pertinente, modalização…).

Para a avaliação da correção linguística estão previstos os fatores de desvalorização apresentados na Tabela 5:[2]

Tabela 5

Avaliação da correção linguística: fatores de desvalorização

Fatores de desvalorização	**Desvalorização (pontos)**
Erro inequívoco de pontuação.	2 pontos
Erro de ortografia (incluindo erro de acentuação, erro por por ausência de maiúscula quando obrigatória e erro de translineação).	2 pontos
Erro por incumprimento das regras de citação de texto (ausência ou uso indevido de aspas, ausência de indicador de corte de texto, etc) ou de referência a títulos de obra(s).	2 pontos
Erro de sintaxe.	5 pontos
Erro de impropriedade lexical.	5 pontos

[2] Se, da aplicação destes fatores de desvalorização, resultar uma classificação inferior a zero pontos, é atribuída à correção linguística a classificação de zero pontos.

Por fim, o Grupo III visa avaliar o conhecimento linguístico dos alunos, através da realização de três exercícios de resposta fechada. As subcompetências avaliadas em cada um dos exercícios e respetiva cotação são apresentadas na Tabela 6.

Tabela 6

Subcompetências em avaliação no conhecimento linguístico

Exercício	**Subcompetências**	**Cotação (0-40)**
1. Inserção de sinais de pontuação num texto não pontuado.	Usa corretamente os sinais de pontuação.	15 pontos
2. Preenchimento de lacunas	Usa de forma adequada as palavras funcionais em contextos de subordinação e seleção verbal.	15 pontos
3. Escolha múltipla	Escolhe itens lexicais adequados ao contexto.	10 pontos

3.2. Resultados globais

Como já foi referido, a primeira chamada da prova de língua portuguesa foi realizada por 114 alunos do 3º ano da licenciatura em Educação Básica da ESELx (ano letivo 2010/11). Para a análise dos resultados da prova, foram considerados 5 níveis de desempenho, com os intervalos previstos na Tabela 7. Os níveis propostos correspondem às seguintes designações: A – Muito Bom; B – Bom; C – Satisfaz; D – Não Satisfaz; E – Fraco.

Tabela 7

Intervalos de pontos, por nível

Nível	Pontos
A	165 – 200
B	135 – 164
C	95 – 134
D	65 – 94
E	0 – 64

Na Tabela 8, são apresentados os resultados globais da prova por nível de classificação. A leitura da Tabela permite verificar que mais de metade dos alunos (63,2%) se situa no nível C e que 27,2% dos estudantes obtêm níveis A e B. Numa escala de 0 a 200, a média foi de 120 pontos, tendo a nota máxima sido 178 e a mínima 62.

Tabela 8

Resultados globais, por níveis

Nível	Nº de alunos	%
A	5	4,4
B	26	22,8
C	72	63,2
D	10	8,8
E	1	0,9
Total	114	100,0
	Média	120
	Nota máxima	178
	Nota mínima	62

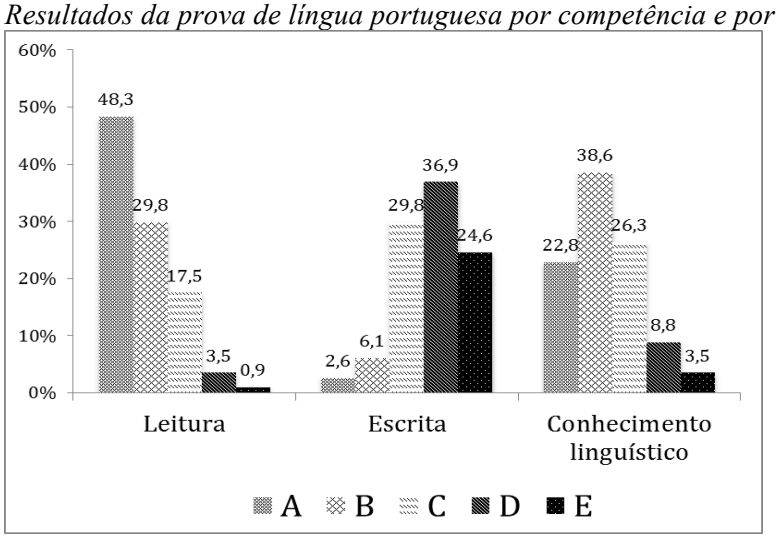
Fonte: Primeira chamada da prova de língua portuguesa, 2010-11

3.3. Resultados por competência

A Figura 4 mostra a distribuição dos resultados pelos 5 níveis de desempenho em cada uma das competências em avaliação (leitura, escrita e conhecimento linguístico). Verifica-se um predomínio de nível A na leitura, de nível D na escrita e de nível B no conhecimento linguístico, não existindo portanto um desempenho uniforme dos alunos nas diferentes competências.

Figura 4

Resultados da prova de língua portuguesa por competência e por nível.

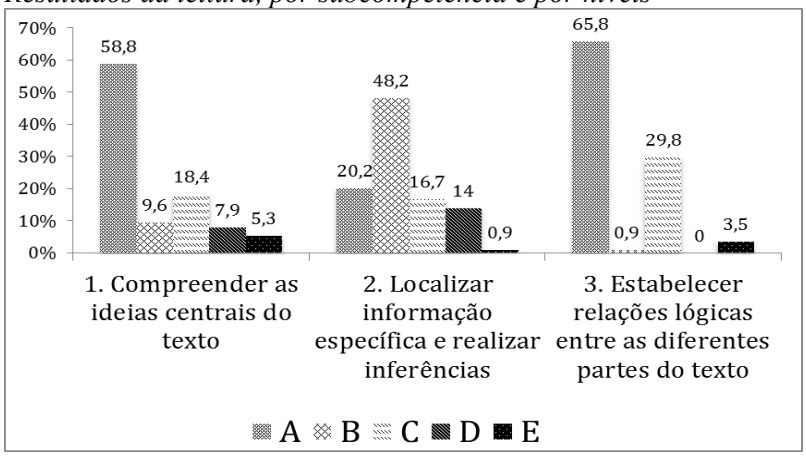


Fonte: Primeira chamada da prova de língua portuguesa, 2010-11

A figura 5 permite fazer uma leitura do desempenho dos alunos na leitura (Grupo I), em cada uma das subcompetências em avaliação. A partir dos dados apresentados, é possível concluir que existe um predomínio de nível A nos exercícios 1 e 3, que envolvem, respetivamente, a compreensão das ideias centrais do texto e o

estabelecimento de relações lógicas entre as diferentes partes do texto. Por contraste, existe um predomínio de nível B no exercício 2, que requer a localização de informação específica e a realização de inferências.

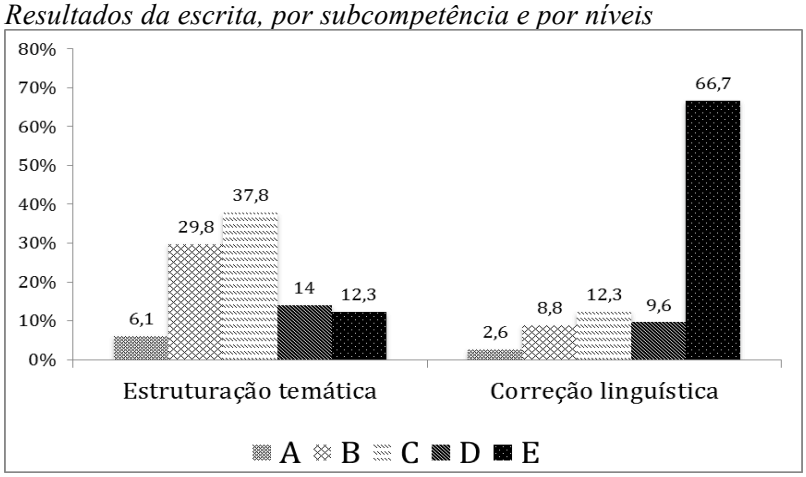
Figura 5
Resultados da leitura, por subcompetência e por níveis



Fonte: Primeira chamada da prova de língua portuguesa, 2010-11

Quando aos resultados obtidos na escrita (Grupo II), os dados apresentados na Figura 6 mostram que há um predomínio de nível C na estruturação temática e de nível E na correção linguística.

Figura 6
Resultados da escrita, por subcompetência e por níveis

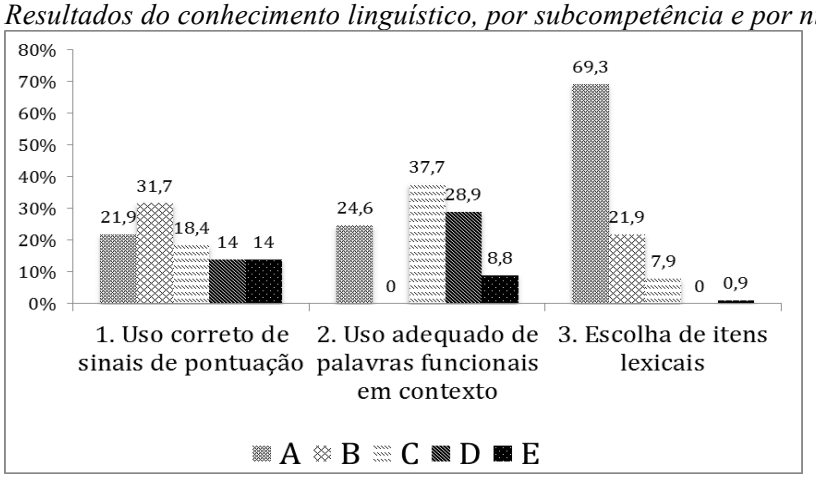


Fonte: Primeira chamada da prova de língua portuguesa, 2010-11

Finalmente, no conhecimento linguístico (Grupo III), o melhor desempenho observa-se no exercício 3, que envolve a escolha de itens lexicais. De resto, verifica-se um predomínio de nível B no exercício 1, que requer o uso correto dos sinais de

pontuação, e de nível C no exercício 2, que envolve o uso adequado de palavras funcionais em contexto.

Figura 7
Resultados do conhecimento linguístico, por subcompetência e por níveis



Fonte: Primeira chamada da prova de língua portuguesa

3.4. Discussão dos resultados

A competência em que os alunos tiveram piores resultados foi claramente na escrita. Como se pode observar na Figura 4, a maioria dos alunos situa-se nos níveis D e E (Não Satisfaz e Fraco, respetivamente).

Como é sabido, para se escrever um bom texto, é necessário dominar regras e princípios que podem ser associados a diferentes níveis estruturais: superestrutura, macroestrutura e microestrutura (cf. Van Dijk 1983/1989). Ora o que os resultados obtidos na escrita demonstram (cf. Figura 6) é que ao nível da super e macro-estrutura os resultados situam-se maioritariamente em níveis positivos. O problema reside claramente no nível da micro-estrutura, que nesta prova é avaliada no item *correção linguística*.

Neste domínio, as áreas críticas (Peres & Móia, 1995) da produção escrita dos nosso alunos situam-se sobretudo ao nível da ortografia, da acentuação, da pontuação, da seleção (verbal, nominal e adjetival), da concordância, do encaixe de subordinadas adverbiais e de impropriedade lexical. Em (1) a (22) abaixo são apresentados exemplos para cada uma destas áreas críticas:[3]

[ortografia]

[3] Por facilidade de exposição, em cada um dos exemplos, só é destacado graficamente o problema que está a ser ilustrado.

(1) (...) não só pelas enúmeras vantagens que proporcionam aos seus utilizadores (...)

(2) (...) são apenas alguns dos prigos que poderão colocar em risco a saúde (...)

(3) (...) o que à algum tempo atrás só era possível através do jornal e da revista impressa (...)

(4) (...) alguns dos cargos de emprego referidos anteriormente irião desaparecer (...)

[acentuação]

(5) mas estes não passam de informação colada que vai desaparecer quando fôr mais preciso.

(6) E voltando à grande questão, qual será a formula mágica?

[pontuação]

(7) Isto porque Ø apesar de termos uma boa formação a nível de conteúdos programáticos Ø não a exploramos como deve de ser (...).

(8) Nuno Crato, afirma que os novos professores terminam a sua formação sem preencherem os requisitos mínimos necessários para o bom exercer da sua profissão.

[seleção verbal]

(9) A utilização dos meios informáticos veio a tornar mais prática e eficaz a vida de muitos trabalhadores (...)

(10) (...) queremos transmitir para os nossos alunos todo o conhecimento (...)

(11) Por outro lado, não nos podemos esquecer Ø que o mundo dos livros vai para além da busca de informação.

(12) Também é verdade que nos lembramos dos professores Ø que não gostávamos (...)

[seleção nominal]

(13) Quando compramos um livro, temos a certeza Ø que estes estão assegurados pela editora (...)

(14) É uma verificação da evolução e do progresso a que somos alvo, diariamente.

[seleção adjetival]

(15) Estou consciente Ø que as novas tecnologias são responsáveis pelas mudanças (...)

[concordância]

(16) O uso excessivo das novas tecnologias levam as pessoas a esquecer, a descurar os "bons" livros (...)

(17) É também importante salientar que cada caso é um caso e que as médias finais de curso de cada licenciado pode estar em concordância com os critérios e exigência de cada escola (...).

(18) (...) todas as crianças têm o direito a um ensino eficaz, que lhes permitam serem actores educativos da sua própria aprendizagem.

[encaixe de subordinadas adverbiais]

(19) Creio que seria muito mais significativa a avaliação das capacidades do aluno em formação através de uma observação minuciosa do seu comportamento, habilidade e capacidade de transmissão de saberes, relacionando com a sua nota final de curso, para ver se esta de facto corresponde à realidade.

(20) Verifica-se, pois, que nas escolas privadas os licenciados entram a concurso público com médias significativamente superiores aos das escolas públicas, não sendo, no entanto, sinónimo de melhor formação, muitas vezes verificando-se precisamente o contrário.

[impropriedade lexical]

(21) (...) penso que este é um tema que poderá ser brevemente levado a hasta pública e sob o qual decorrerá "muita tinta" (...)

(22) (...) num sociedade em que já pouca ou quase nula importância é dada à leitura (...)

Na discussão dos resultados das provas, merece ainda especial menção o contraste que se observa entre os resultados obtidos na correção linguística (Grupo II) e os resultados obtidos no Conhecimento Linguístico (Grupo III). Assim, enquanto na correção linguística a maioria dos alunos se situa no nível E, no conhecimento linguístico a maioria situa-se no nível B (cf. Figura 4). Em termos práticos, tal facto significa que os alunos, quando resolvem exercícios especialmente desenhados para avaliar aspetos microestruturais (como a escolha de itens lexicais ou o uso de pontuação), têm um bom desempenho. Porém, em situações concretas de escrita, não mobilizam esse conhecimento, produzindo textos com problemas de pontuação, com impropriedades lexicais, entre outros.

Estes resultados mostram que as competências de escrita requerem tempo, treino e reflexão. Se, depois de doze anos de escolarização, os alunos revelam problemas de escrita como os ilustrados em (1)-(22), então não se poderá esperar que todas as dificuldades possam ser ultrapassadas num semestre ou numa unidade curricular específica. Será necessário desenvolver um esforço conjunto nas diferentes unidades curriculares de forma a que os problemas de escrita possam ser identificados e problematizados à medida que vão surgindo nos diferentes géneros textuais produzidos pelos alunos. De acordo com Beacco, Coste, van de Ven & Vollmer (2010, p. 20), é preciso que os alunos compreendam que os conhecimentos se exprimem e circulam sob a forma de diferentes géneros discursivos e alarguem o seu reportório de géneros de forma a tornarem-se competentes na sua compreensão e produção. Um bom domínio escrito da língua é determinante no percurso académico dos estudantes e é indispensável na sua futura inserção e progressão na profissão de professor e ou educador para a qual se estão a preparar.

4. Sugestões para o futuro

O estudo apresentado permitiu ainda identificar os pontos mais positivos e menos positivos do modelo de prova adotado para avaliar o domínio de língua portuguesa dos candidatos aos mestrados profissionalizantes.

Como aspetos mais positivos destacam-se:

(i) o facto de a estrutura da prova permitir avaliar o desempenho dos alunos por competência e subcompetência;

(ii) a existência de critérios de correção bem definidos (por níveis de desempenho e fatores de desvalorização), que permitem uma análise diferenciada das diferentes subcompetências envolvidas na escrita.

Para o futuro, e caso se mantenha a realização de uma prova de língua portuguesa para o aceso aos mestrados profissionalizantes, propõe-se que sejam repensados dois aspetos essenciais. Em primeiro lugar, deve ser repensada a forma de avaliar o conhecimento linguístico dos candidatos, dado que, como já foi referido, o sucesso na realização de exercícios como os propostos no Grupo III não corresponde a um efetiva mobilização destes aspetos na produção de textos. Em segundo lugar, deve ser repensada a avaliação da compreensão leitora, de forma a diversificar o género de textos apresentados e identificar de forma unívoca a subcompetência em avaliação em cada questão.

É ainda fundamental que, no âmbito diferentes unidades curriculares, e de acordo com a perspetiva defendida por Beacco, Coste, van de Ven & Vollmer (2010, p. 28), os estudantes comecem a ter consciência de que o conhecimento não se reduz a um bom domínio da língua, mas que este tem um impacto positivo na construção e explicitação do conhecimento nas diferentes áreas do saber.

Como referem Newby, Allan, Fenner, Jones, Komrowska & Soghikyan (2007), ao longo da licenciatura, os professores devem ajudar os estudantes a compreender que precisam não só de aprender língua, mas também de construir a convicção de que ter uma boa proficiência linguística é fundamental para um bom desempenho académico e profissional. Só com esta consciência os estudantes se empenharão na melhoria das suas competências linguísticas, que é, afinal, o grande objetivo da realização desta prova.

Referências bibliográficas

Beacco, J.-C., Coste, D., van de Ven, P.-H. & Vollmer, H. (2010). *Langue et matières scolaires – Dimensions linguistiques de la construction des connaissances dans les curriculums*. Strasbourg: Conseil de l'Europe, Division des Politiques linguistiques.

Consultado a 12 de janeiro de 2012, em: http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Source2010_ForumGeneva/KnowledgeBuilding2010_fr.pdf

Newby, D., Allan, R., Fenner, A.-B., Jones, B., Komrowska, H. & Soghikyan. K. (2007). *Portfolio européen pour les enseignants en langues en formation initiale. Un outil de réflexion pour la formation des enseignants en langues*. Strasbourg: Conseil de l'Europe, Centre européen pour les langues vivantes. Documento consultado em 12 de janeiro de 2012, em http://archive.ecml.at/mtp2/publications/C3_Epostl_F_internet.pdf

Van Dijk, T. (1983/1989). *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós.

Peres, J. & Móia, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.